

# Amanhã não existe

28/01/1995

**Nair Lacerda**

Colaboradora

Pensava em nossa tendência para os adiamentos quando a expressão usada pela teatróloga Maria Jacintha, para título de uma de suas peças, voltou-me à lembrança. Amanhã... mais tarde... um destes dias... Começam assim, em geral, muitos projetos que nunca chegamos a realizar.

É uma tarefa desagradável? Está bem, temos tempo. Depois trataremos disso. Temos amigos doentes, magoados, tristes? Precisamos, “qualquer dia”, levar-lhes uma palavra de conforto e carinho. Precisamos sim, gostamos tanto deles! “Qualquer dia” iremos visitá-los. Se estamos cansados, saturados de trabalho, responsabilidades, e rotina, nunca podemos “agora” depor o fardo por alguns dias. Repousaremos, sim, precisamos realmente repousar... mais tarde, quando houver jeito...

Fulano é um amigo encantador, sempre tão disposto a ser gentil, e Beltrana é uma criatura heróica e dedicada, cuja luta bem conhecemos. “Qualquer dia” havemos de dizer a um e à outra p quanto os admiramos, como os

consideramos dignos de afeto e gratidão, pelo que são, pelo que valem. Um dia...

Tudo; trabalho, repouso, estímulo, ternura, aplauso, tudo adiado, condicionado a um vago “dia” que não figura no calendário. Por quê? Que certeza temos do amanhã, para assim pospor-mos nossos projetos, nossos desejos, e até o que seria nosso dever? Se não somos donos sequer do minuto presente, se o tempo não se escraviza aos nossos caprichos, antes é ele que nos maneja, como peças de um permanente jogo de xadrez, por que contamos tanto com um “amanhã” hipotético?

Façamos, hoje, e já, a tarefa desagradável, e o tempo que porventura nos for concedido poderá ser usado em algo mais amável. Repousemos, hoje, a mente e o corpo exaustos, para que, mercê dessa pausa oportuna, gozemos — talvez — dias melhores, mais otimistas, mais vividos.

E, principalmente, amemos hoje, já, agora, nossos amores e nossos amigos. Digamos, neste fugitivo instante de que dispomos, a palavra carinhosa que talvez nunca cheguemos a repetir. Confessemos nossa admiração àqueles que são dignos dela, feli-

citamos os que fizeram algo de nobre, de útil, de bom. Não encerremos no segredo do nosso coração o grito de solidariedade, a palavra de ânimo, a felicitação calorosa, seja ao amigo que nos está próximo, seja ao que conhecemos apenas como um nome a distância.

Não sejamos sufocados sob tanto ouro inútil, que não soubermos empregar a tempo. Se alguma coisa consola da perda do que se amou, se alguma lembrança suaviza a solicitude de um coração, é, sem dúvida, a certeza de muito termos dado em amor, de muito termos prodigalizado em ternura.

Amanhã não existe, ou, se existir, talvez não dê as mesmas oportunidades. Realizemos, hoje, algum dos nossos desejos adiados — por pequeno que seja. Procuremos ser bons, hoje. Procuremos ser amigos, agora. Amemos a vida tal como é, mas não contemos muito com ela. É certo que, inconscientemente, amamos mais e melhor o que não temos certeza de conservar. Talvez por isso a vida seja tão amada. Porque dela não temos certeza.

E de que temos nós certeza, se amanhã não existe?